

Um estudo das (re)construções identitárias de discentes surdos do curso de Letras Libras*

A study of the identity (re) constructions of deaf students in the Libras Language cours

Juliana Barbosa Alves¹
Cleide Emília Faye Pedrosa²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a (re)construção identitária do sujeito surdo, delineada em suas narrativas do eu, ao contar a trajetória de sua educação formal. Para isso, os aportes teóricos são: Análise Crítica do Discurso (ACD), Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), Gramática Sistemico-Funcional (GSF) e Estudos Surdos (ES). O *corpus* é composto por “narrativas do eu” de alunos surdos do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe (2020 e 2021). Seguimos os passos metodológicos da ASCD, embasados em uma proposta qualitativo-interpretativista. Os resultados nos abonam condições de recuperar a memória discursiva e sócio-histórica do Povo Surdo em relação aos desafios de sua vida social e educacional e, assim, refletir sobre a construção e a reconstrução de suas identidades ao longo de sua trajetória.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Identidades surdas. Narrativas do eu.

Abstract: This paper aims to analyze the identity (re)construction of the deaf subject, outlined in their narratives of the self, when telling the trajectory of their formal education. For this, the theoretical contributions are: Critical Discourse Analysis (CDA), Sociological and Communication Approach to Discourse (ASCD), Systemic-Functional Grammar (SFG) and Deaf Studies (DS). The corpus is composed of “narratives of the self” of deaf students from graduation students of Libras at the Federal University of Sergipe (2020 and 2021). We follow the methodological steps of ASCD, based on a qualitative-interpretative proposal. The results give us conditions to recover the discursive and socio-historical memory of the Deaf People in relation to the challenges of their social and educational life and; thus, reflect on the construction and reconstruction of their identities throughout their trajectory.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Deaf identities. Narratives of the self.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: julialves01@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6836-9232>.

² Professora doutora pela Universidade Federal de Pernambuco, atuação na Universidade Federal de Sergipe. E-mail: cleideemiliafayepedrosa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4021-8189>.

* Artigo recebido em 30 de maio de 2023. Aceito para publicação em 10 de agosto de 2023.

Introdução

Traçar um panorama da contextualização desta proposta, que se vincula a estudos sobre narrativas do eu de sujeitos surdos³, exige de nós um olhar reflexivo, fundamentado em conhecimentos históricos e de vida em relação à comunidade surda. Por essa razão, nos respaldamos na Análise Crítica do Discurso (ACD), cuja meta central é a denúncia de problemas sociais, de desigualdades e de injustiças; dessa forma, é prioritário para seus analistas se engajarem em prol das causas dos grupos vulneráveis com o fito de promover, sempre que possível, sua conscientização e seu empoderamento (FAIRCLOUGH, 2001; PEDROSA, 2005; MELO, 2018).

Situar os Estudos Surdos em seu diálogo com a Análise Crítica do Discurso, ou vice-versa, nos orienta a percorrer um caminho de influências mútuas em relação ao objeto. Seguindo essa trilha teórica, elegemos, dentre as correntes da ACD, a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), uma corrente brasileira e nordestina (Sul do Sul) que pesquisa, entre outras temáticas, as mudanças sociais e culturais vivenciadas pelos sujeitos discursivos (PEDROSA, 2012, 2013, 2016, 2018).

Isto posto, o objetivo do artigo é analisar a (re)construção identitária do sujeito surdo, delineada em suas narrativas do eu, ao contar a trajetória de sua educação formal. O *corpus* é composto por “narrativas do eu” (em Libras e em Língua Portuguesa escrita) de alunos surdos do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe (UFS) das turmas de 2020 e 2021.

Esta é uma pesquisa de viés social, por isso, em suas análises, englobamos o linguístico e o social (PEDROSA, 2018). Ademais, classificamos a pesquisa como qualitativo-interpretativista (PARDO, 2015; MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017) e seguimos os passos de Pedrosa (2016, 2018) e Cunha (2021) sugeridos para pesquisas em ASCD.

À vista desses traços delineados, este artigo será apresentado, inicialmente, por esta introdução; seguida pela explanação dos aportes teóricos, referendados pela Análise Crítica do Discurso, pela Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, pela Gramática Sistêmico-Funcional e pelos Estudos Surdos; posteriormente, explicaremos a metodologia na qual nos apoiamos para atender aos objetivos desta pesquisa; e, por arremate, exporemos os resultados e as reflexões sobre as análises do *corpus*.

³ O presente artigo está ligado ao projeto de pesquisa “Narrativas do eu: construção identitária de sujeitos surdos à luz da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso”, que está inserido em um projeto maior, “Análise Crítica do Discurso e grupos vulneráveis: narrativas do eu e as construções identitárias do sujeito surdo” (PID8541-2020), aprovado pelo Comitê de Ética (CEP: 13200519.5.0000.5546/Número do parecer: 3.471.208), em desenvolvimento com bolsa CAPES. Esses projetos também se articulam ao projeto de estágio pós-doutoral, como investigador visitante - “Cidadania de resistência: os caminhos das mudanças sociais para surdos no Brasil e em Portugal”, sob a tutoria do prof. Dr. Carlos Gouveia, da Faculdade de Letras (FLU), Universidade de Lisboa.

Análise Crítica do Discurso: de Amsterdam ao Nordeste brasileiro

A Análise Crítica do Discurso, embora já tivesse apresentado pesquisas a partir da década de 1980, estabeleceu-se como uma base teórica no campo da linguística na década de 1990. Na ocasião, um grupo de linguistas, entre eles Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunter Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak, se reuniu em Amsterdam, materializando o início da ACD (WODAK, 2004; PEDROSA, 2012, 2016; MELO, 2018). Esses estudiosos propuseram abordagens diferentes, contudo interligadas por um fio crítico e comprometido com a leitura do social, surgindo, portanto, um campo de estudos “de caráter internacional e heterogêneo, porém, estreitamente inter-relacionados” (PEDROSA, 2005, p. 1).

Em seus objetivos, a ACD busca denunciar as relações de poder que, muitas vezes, são naturalizadas e institucionalizadas (FAIRCLOUGH, 2001; PEDROSA, 2005; MELO, 2018). E, para isso, considera a linguagem como um momento da prática social, pois, para essa escola, “a linguagem não é poderosa em si mesma – ela adquire poder pelo uso que os agentes que detêm poder fazem dela” (WODAK, 2004, p. 236).

Ao considerar que a ACD é uma base teórica aberta a diálogos, isso “faz com que ela sempre se renove e sempre tenha algo a acrescentar em sua área de investigação” (PEDROSA, 2013, p. 2); surge, desse modo, a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso⁴ como uma abordagem brasileira da ACD nascida no Nordeste (Sul do Sul).

Desde o despertar da ACD aqui no Brasil, ainda na década de 1980, com os trabalhos da professora Izabel Magalhães, a idealizadora da Abordagem, professora Cleide Emília Faye Pedrosa, enxergava “a contribuição da ACD, no Brasil, mais em termos de pesquisas”, portanto, para a estudiosa, a ACD, no Brasil, carecia de “um aporte teórico nacional como soma aos já consagrados subsídios dados pelos fundadores e mesmo seguidores desse campo em outros países” (PEDROSA, 2012, p. 1).

Nesta proposta, para as análises, faremos um recorte dentro dos aportes teóricos que fazer parte do quando da ASCD. Dessa forma, utilizamos a Sociologia para a Mudança Social (SMS).

Ao fundamentar a teoria da Sociologia para a Mudança Social, Bajoit (2006), um forte representante dessa base teórica, busca entender como os sujeitos, em suas relações sociais, tornam-se atores sociais e, para tal compreensão, se debruça sobre o questionamento: “o que faz com que indivíduos diferentes, diante das mesmas práticas sociais e em contextos similares, se tornam atores sociais diferentes?” (PEDROSA, 2012, p. 2). Dessa forma, o estudioso propõe “uma contribuição para a compreensão do mundo de hoje, uma análise das mudanças sociais

⁴ Para saber mais sobre a ASCD, visitar o site: <http://www.ascd.com.br/v1>.

e culturais em curso”, e essas mudanças afetam as vidas dos indivíduos em vários contextos, como social, cultural e até individual. Assim, “quer se trate de indivíduos ou de grupos, os actores participam, quer queiram, quer não, e têm grande necessidade de compreender essa participação” (BAJOIT, 2006, p. 13).

Em consonância com Bajoit (2006), na socioanálise, sua proposta teórica, inserida no modelo cultural da pós-modernidade, o modelo cultural identitário, o indivíduo é sujeito de si, significando suas ações por meio do seu desejo (consciência). Para que isso ocorra, o sujeito tem a capacidade reflexiva sobre os seus atos, podendo escolher sobre o que lhe é imposto socialmente, ou nortear seus atos a partir dessas escolhas (PEDROSA, 2013, 2016).

Ao conduzir tais capacidades socializantes, o sujeito perpassa, pelo menos, oito hipóteses, defendidas pelo sociólogo da SMS e que foram recontextualizadas pela ASCD. Com base em Pedrosa (2013, 2016), exporemos o diálogo da ASCD com as oito hipóteses de socialização do sujeito, a socioanálise. A seguir, resumidamente, temos:

Quadro 1: Hipóteses da socioanálise

Hipóteses	Objetivo
Primeira	Atribuição de um destino social.
Segunda	Formação das expectativas relacionais.
Terceira	Formação da identidade individual.
Quarta	Produção/geração/convivência de mal-estar identitário.
Quinta	Constituição da narrativa do sujeito.
Sexta	Explicitação das razões do sujeito: motivações e resistências.
Sétima	Implementação do processo de libertação.
Oitava	Redefinição da prática das relações sociais.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Bajoit (2006) e Pedrosa (2013, 2016).

Para este estudo, nos aprofundamos na sétima e na oitava hipóteses, obviamente, a partir da quinta hipótese, que, em consonância com o sociólogo, é quando o sujeito expõe/materializa sua narrativa. Na sétima hipótese, para gerenciar as resistências e as motivações a fim de instalar seu processo de libertação, o indivíduo se vale de suas capacidades de expressividade e de reflexividade. A expressividade leva o indivíduo na direção do que ele acredita ser bom para si mesmo, seguindo o modelo cultural; já na reflexividade, o indivíduo se distancia do modelo cultural, agindo por si. Na oitava hipótese, o indivíduo vai para a ação, tornando-se sujeito de si mesmo. Nesse sentido, ele é o ator e resolve suas tensões existenciais, buscando a consolidação de seu núcleo identitário (sempre passageiro, instável).

Na construção de sua identidade, a qual conhecemos através da interpretação de sua narrativa do eu, o sujeito busca alcançar três objetivos: a realização pessoal, o reconhecimento social e a consonância existencial. Cada um desses objetivos

está agrupado em esferas da seguinte forma: Esfera identitária desejada (EID) – as identidades são fruto da busca do sujeito pela realização pessoal; Esfera identitária atribuída (EIA) – as identidades consolidadas nesta esfera resultam de o sujeito buscar o reconhecimento social; Esfera identitária comprometida ou engajada (EIC) – na construção da sua identidade, o sujeito procura conciliar a realização pessoal com o reconhecimento social (BAJOIT, 2006; PEDROSA, 2012, 2013, 2016).

Em consonância com o diálogo teórico anunciado, faremos considerações sobre os Estudos Surdos.

Estudos Surdos: a perspectiva da surdez como diferença cultural e linguística

Ao traçar um panorama da contextualização, desta proposta, que se insere aos estudos sobre narrativas do eu de sujeitos surdos, é mister que nós lancemos um olhar reflexivo, abalizado em conhecimentos históricos e de vida em relação à comunidade surda em contextos mundial e nacional, logo, acionarmos os Estudos Surdos.

Os Estudos Surdos são um campo de conhecimento no qual questões como a identidade e a cultura surda são colocadas em evidência (SELL; SCHMITT; BECHE, 2013). A história do povo surdo⁵ é contada por uma perspectiva cultural, com uma visão da surdez como uma diferença cultural⁶, e não pelo viés da deficiência, como os surdos foram forçados a se ver durante anos. “O surdo foi acumulando estereótipos que têm reforçado cada vez mais a hegemonia discriminatória de sua produção cultural”, conforme nos expõe Perlin (2016, p. 55).

Esse estereótipo, imposto aos surdos, criou uma barreira que só pôde ser quebrada através de suas lutas. Acompanhando a história de negações, não é difícil entender essa visão negativa e distorcida do “ser surdo”, assumida pela maioria dos sujeitos surdos, levando-os a não enxergar e formar suas identidades culturais, que “refere-se à maneira como os surdos definem a si mesmos, ou seja: de forma cultural e linguística” (SÁ, 2002, p. 3).

Neste contexto já apresentado, vale ressaltar que os sujeitos surdos, que constituem o *corpus* da pesquisa, são alunos do curso de graduação em Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe. Esses sujeitos são adultos, com o ensino regular finalizado e, portanto, passaram, assim como muitos surdos, por processos de denegação de direitos, como por exemplo, a falta de intérprete em sala de aula, a falta de professores bilíngues, como, da mesma forma, por denegações sociais, como a exclusão por parte da sociedade, da família, dos colegas da escola, entre outras situações de exclusão. Todas essas características foram apreendidas por

⁵ “Grupo de sujeitos surdos que possuem em comum o reconhecimento da história, tradição, língua e cultura dos surdos. Pessoas que constroem sua concepção de mundo, a partir da visão, e têm a Língua de Sinais como primeira língua” (SELL; SCHMITT; BECHE, 2013, p. 18).

⁶ Assumimos, neste trabalho, essa visão da surdez como diferença cultural em consonância com Sá (2002) e Perlin (2016).

meio da leitura das narrativas do eu desses sujeitos surdos, que hoje, cursando um nível superior, em uma universidade pública, narram suas histórias denunciando a denegação de direitos em seu percurso educacional, principalmente, e dado ao histórico vivenciado, tem outra visão de si, (re)construindo suas identidades, entendendo a identidade como “algo [...] em construção, [...] que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições” (PERLIN, 2016, p. 52).

Percurso metodológico

As pesquisas em ACD adotam, de modo geral, a perspectiva qualitativo-interpretativista, ponderando que suas investigações são norteadas por uma visão da linguagem no seio social (PEDROSA, 2018). No trato qualitativo, nos deteremos ao investigador como um “observador no mundo” (PARDO, 2015). Entretanto, devemos considerar que essa observação do mundo (estando no mundo), da qual fala Pardo (2015), dependerá de toda a bagagem cultural do pesquisador e sua base teórica. Já a parte interpretativista procura entender os significados das ações sociais do sujeito em sociedade (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017).

O *corpus* foi gerado⁷ a partir de “narrativas do eu” (em Libras e em Língua Portuguesa como L2, na modalidade escrita) de alunos surdos⁸ do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe (UFS) das turmas de 2020 e 2021.

A ASCD propõe um caminho a ser seguido por aqueles que se interessam por fazer análise crítica do discurso tendo como referência esta abordagem. Assim, seguimos Cunha (2021) em sua contribuição. Resumida e literalmente, temos os seguintes passos (CUNHA, 2021, p. 51-53):

1º passo: produzir reflexões preliminares. 1. Decidir sobre a escolha de fazer uma pesquisa crítica. 2. Estabelecer um problema social a ser estudado que tenha algum aspecto semiótico no centro da discussão. 3. Compreender a conjuntura engendrada no problema social em estudo. 4. Formular hipóteses e inquietações. 5. Projetar objetivos de pesquisa; 2º passo: pré-análise. 6. Definir estratégias. 7. Reconhecer interfaces transdisciplinares. 8. Eleger categorias analíticas; 3º passo: análise. 9. Identificar os sentidos às questões sociais. 10. Vincular as discursividades às suas diversas semioses materializadas. 11. Promover diálogos; 4º passo: pós-análise. 12. Reflexão final sobre o trabalho.

⁷ Foi solicitada aos alunos participantes a assinatura de um termo de consentimento para as narrativas escritas em Língua Portuguesa e para as narrativas gravadas, em vídeo, em Libras. A construção da narrativa, em Língua Portuguesa escrita e em vídeo, em Libras, se deu em um formulário explicativo entregue aos participantes (CEP: 13200519.5.0000.5546/ Número do parecer: 3.471.208).

⁸ A fim de preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, criamos um código para as narrativas: NRR1-LP-2020/ NRR-1-LIBRAS-2020 - NRR (narrativa), 1 (número destinado a cada participante), LP ou LIBRAS (língua da narrativa – Língua Portuguesa ou Língua Brasileira de Sinais), 2020 (ano da coleta).

Ressaltamos que a ACD, nos moldes que seguimos, faz uma análise social do discurso textualmente orientada (ATDO) e, para isso, baseia-se na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), valendo-se, em suas análises, de categorias da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), a qual iremos expor em sequência.

Para a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), o foco do uso da língua está em atender à sua função, ou seja, a gramática é desenvolvida a partir dessa proposta que considera a forma como os usuários usam sua língua para gerar significados. Dentre os sistemas da GSF, utilizamos, como recorte, o Sistema de Avaliatividade, que faz parte da metafunção interpessoal⁹, a qual nos leva a reunir significados ligados às atitudes dos utentes da língua em suas relações interpessoais (GOUVEIA, 2009). No Sistema de Avaliatividade, é possível categorizar os recursos léxico-gramaticais que utilizamos nas avaliações por meio de três subsistemas, a saber: Atitude, Gradação e Engajamento.

Para atender ao objetivo da pesquisa, na análise, empregamos o subsistema de Atitude, que é a posição que o sujeito assume ao avaliar o mundo ao seu redor, no qual se inserem alguns recursos, como: Afeto – utilizado quando o sujeito expressa emoção no discurso; Julgamento – usado pelo sujeito para julgar o caráter e o comportamento das pessoas; Apreciação – o sujeito usa este recurso para expressar valores às coisas (ALMEIDA, 2010; VIAN JR., 2010). Esses posicionamentos dos sujeitos nos levam a construir e reconstruir uma interpretação de suas identidades.

Resultados e discussões – análise das narrativas do eu de sujeitos surdos

Como minoria linguística, aos surdos foram (e ainda o são) denegados muitos direitos, inclusive o de usar a sua própria língua. Esse fato recebeu forte consolidação resultante de congressos históricos (Paris, 1878, e Lyon, 1879). Em 1880, no Congresso de Milão, houve um evento que trouxe como decisões, da maioria (ouvinte), a proibição da língua de sinais e a instituição do oralismo (ROCHELLE, 1878; 1880; RODRIGUES, 2019; VIEIRA-MACHADO; RODRIGUES, 2022). A partir daí, inicia-se “uma longa e sofrida batalha do povo surdo para defender o seu direito linguístico cultural” (STROBEL, 2009, p. 37).

Pontuamos que a “longa e sofrida batalha do povo surdo para defender o seu direito linguístico cultural”, presentes nas narrativas do eu a serem analisadas, neste artigo, são de sujeitos que se inserem também como vulneráveis economicamente, muitos moram em municípios de Sergipe e viajam para assistir aulas na UFS. A maioria também é surdo único na família não-surda e, por isso, apreende-

⁹ Na Gramática Sistêmico-Funcional, para além do Sistema de Avaliatividade, inserido na metafunção interpessoal, temos o Sistema de Transitividade, situado na metafunção ideacional, que representa as ideias e visões de mundo do falante/escritor, e os sistemas de estrutura da informação (Dado e Novo) e da estrutura temática (Tema e Rema), que fazem parte da metafunção textual na qual o escritor organiza textualmente suas ideias (SANTOS, 2014).

ram Libras tardiamente. Há casos de surdos que só aprenderam Libras ao adentrar no Curso de Letras Libras. Estas marcas estão bem presentes em suas narrativas do eu e como conhecimento das pesquisadoras por estarem inseridas no contexto do Cursos de Letras Libras.

É diante dessa carga histórica de opressão que nos dispusemos, através das narrativas do eu de alunos surdos do curso de Letras Libras da UFS, a atingir o objetivo de analisar a (re)construção identitária do sujeito surdo, delineada em suas narrativas do eu, ao contar a trajetória de sua educação formal. Para isso, vamos percorrer a sétima e a oitava hipóteses da SMS, recontextualizadas e aplicadas pela ASCD (PEDROSA, 2012, 2013). Estas hipóteses pontuam que o indivíduo, a fim de se tornar sujeito de si mesmo, procura assumir a gerência de sua vida para aliviar suas tensões, seu mal-estar identitário, constituindo suas identidades e gerando mudanças. Apliquemos isso aos exemplos¹⁰ a seguir:

Exemplos:

1A “eu provar passei 1º lugar Unit, curso informatica licenciatura [...] eu começar problema provas nota ruim porque interprete não saber libras correto nota fraço 5 diciplinas, desistir unit. 2013 prova passei UFS Letras libras mas eu não poder estudar manhã, eu trabalhar manhã, cancelo UFS, depois 2019 prova passei UFS Letras Libras porque quero evoluir estudar aumentar futuro pós, mestrado, doutorado” (NRR1 – LP – 2020).

2A “Foi muito lutar meus direitos e sou capaz fazer tudo que eu quizer, depois eu tinha dois filhos e formou de Pedagogia quando eu fiz vestibular da Letras-Libras na UFS o ano 2018. Eu nunca trabalhar só estudar, mas eu já fui instrutora da Libras foi um pouco tempo. Agora eu tenho 26 anos continua lutar, cuido meus filhos e estudar para o futuro da minha vida e experiência no conhecimento” (NRR2 – LP – 2021).

3A “Com um ano, me deram a ideia de fazer curso superior Letras Libras, mas minha vontade era o curso de Educação Física, mas o Enem é difícil de passar, então fui fazer o vestibular da UFS. Fiz a prova e passei em primeiro lugar, nem acreditei quando eu vi, fiquei muito feliz e vou me esforçar nas disciplinas. No futuro eu posso ensinar libras. Depois que me formar posso fazer outra graduação de Educação Física, assim espero. Deus é quem sabe” (NRR3 – LIBRAS – 2021).

¹⁰ As narrativas escritas em Língua Portuguesa como L2 para os surdos estão como o original. Não colocamos na norma padrão por não ser o foco da pesquisa que utiliza, em suas análises, uma gramática descritiva, centrada no uso da língua e em seus significados dentro do discurso. E também para que os leitores, menos familiarizados, entrem em contato com a maneira peculiar de muito surdos escreverem, embora este fator também revele a educação formal não adequada que tiveram.

4A “Consegui me formar no ensino médio, depois fiz vestibular para o curso de pedagogia, estudei quatro anos e me formei. Depois, estudei no IFS, em 2017 e 2018. Também dei aula como instrutora no Estado para 15 alunos ouvintes que queriam aprender o básico de libras. Depois, fiz o vestibular do UFS, passei no curso de Letras Libras. Não vou desistir, vou continuar, gosto da interação com os ouvintes e com os surdos, é maravilhoso, estou satisfeita” (NRR4 – LIBRAS – 2021).

Identificamos, nesses excertos das narrativas, que os sujeitos, diante de histórias de opressão e denegação, reconstruíram suas identidades e, agora, como atores, expõem (narram) as mudanças sociais ocorridas em suas vidas. É imprescindível salientar que essas mudanças se deram no contexto educacional (“eu provar passei 1º lugar Unit, curso informatica licenciatura [...] prova passei UFS Letras libras” – Exemplo 1A; “formou de Pedagogia quando eu fiz vestibular da Letras-Libras na UFS” – Exemplo 2A; “então fui fazer o vestibular da UFS. Fiz a prova e passei em primeiro lugar” – Exemplo 3A; “fiz vestibular para o curso de pedagogia [...] Depois, estudei no IFS, em 2017 e 2018. [...] Depois, fiz o vestibular do UFS, passei no curso de Letras Libras” – Exemplo 4A).

De acordo com esses registros da memória, esses sujeitos narraram a oportunidade de (re)construir suas identidades, em nossa interpretação como “investigadores no mundo”, na esfera identitária comprometida. Nessa construção identitária, o sujeito busca conciliar suas projeções pessoais com as expectativas dos outros (reconhecimento social), e “essa gestão constitui frequentemente um processo longo, penoso, delicado, para chegar a semi-soluções, mais ou menos aceitáveis, nunca inteiramente satisfatórias” (BAJOIT, 2006, p. 207). Em consonância com o aporte basilar desse estudo, a ACD, lemos que a tomada de consciência desses sujeitos com as suas expectativas pessoais e diante das suas expectativas sociais ajuda em seu empoderamento social.

O sujeito discursivo do exemplo 1A se mostra um sujeito inovador, um sujeito-ator adaptável que, em face de desafios e fracassos (“eu começar problema provas nota ruim [...] eu desistir unit”; “passei UFS Letras libras mas eu não poder estudar manhã, eu trabalhar manhã, cancelo UFS”), não desiste e recomeça (“depois 2019 prova passei UFS Letras Libras”), (re)construindo sua identidade a partir de novos projetos (“quero evoluir estudar aumentar futuro pós, mestrado, doutorado”).

O sujeito discursivo do exemplo 2A, à luz de uma leitura da esfera desejada, busca realizar as expectativas que assumiu para si, expondo sua luta, assim se mostra confiante (“Foi muito lutar meus direitos e sou capaz fazer tudo que eu quizer”), e, diante desse compromisso pessoal, ele está convencido de que precisa continuar, se constituindo como um sujeito autêntico (“Agora eu tenho 26 anos continua lutar, cuido meus filhos e estudar para o futuro da minha vida e experiência no conhecimento”).

Encontramos no sujeito discursivo do exemplo 3A um sujeito pragmático que permeia a tentativa de conciliar continuar com seus planos e recomeçar do zero. “Habitualmente, o indivíduo adapta-se sempre permanecendo coerente com as suas escolhas anteriores; ao sabor das circunstâncias, dos obstáculos e das oportunidades que encontra no seu caminho, ele modifica pouco a pouco os seus fins e os seus meios” (BAJOIT, 2006, p. 208). Assim, este sujeito permanece com o que escolheu, sendo coerente (“me deram a ideia de fazer curso superior Letras Libras, mas minha vontade é o curso de Educação Física [...] então fui fazer o vestibular da UFS. [...] fiquei muito feliz e vou me esforçar nas disciplinas”), porém não perde de vista o seu desejo e pretende recomeçar em uma futura oportunidade (“Depois que me formar posso fazer outra graduação de Educação Física, assim espero.”).

O sujeito discursivo do exemplo 4A, por sua vez, assume o seu destino social, decidindo continuar com suas escolhas; desse modo, se configura como um sujeito consequente que, através dos estudos, tenta traçar seu projeto de vida com realizações (“me formei. Depois, estudei no IFS, em 2017 e 2018. Também dei aula como instrutora no Estado [...]. Depois, fiz o vestibular do UFS, passei no curso de Letras Libras”) e projetos futuros, sempre em consonância com suas escolhas (“Não vou desistir, vou continuar...”).

Em diálogo com as análises sociais, nas análises linguísticas, utilizando a gramática sistêmico-funcional, pudemos observar que alguns léxicos nos serviram de pista da (re)construção das identidades desses sujeitos.

Exemplos:

1B “Professora ouvinte não conseguir comunica mim, todos alunos educar só eu teimoso muito também bricar, professora doida. Professora manda mim frente parede, eu chorar muito, minha mãe chegar escola, ela pergunta professora, porque meu filho chora, professora explicar, ela não aceita, desistir escola, vamos pra casa, eu espera escola. [...] Começar eu aprender português pouca 1º serie passei 2º serie, depois mudar outra cidade, Escola ouvinte, de novo, eu chorar muito, professora não saber nada libras, ele deixar passei 3º serie, eu dificil muito” (NRR1 – LP – 2020).

2B “que eu tinha 7 anos começaram na escola de inclusão sofrido de bullying na sala de aula e falta de acessibilidade e os professores fazem minha ignorância e excluído” (NRR2 – LP – 2021).

3B “Depois fui para uma escola inclusiva, agora junto com ouvintes, fiquei nervoso, a intérprete faltava, aí eu me perguntava, como vou me desenvolver? Então fiquei preocupado, eu copiava, respondia as atividades de matemática, os ouvintes me ajudavam, mas o professor só falava, não tinha interação comigo, eu não entendia nada, fiquei triste” (NRR3 – LIBRAS – 2021).

4B “No ensino médio, não tinha intérprete, a professora só falava, a comunicação ficou difícil, no mês de junho chegou uma intérprete, mas depois de um ano o contrato acabou com a prefeitura” (NRR4 – LIBRAS – 2021).

No início de suas narrativas os sujeitos expressaram emoção (Afeto), que materializadas, evidenciam as dificuldades que os sujeitos surdos vivenciaram em seus percursos educacionais (“chorar”, “chorar muito”, “difícil muito” – Exemplo 1B; “excluído” – Exemplo 2B; “nervoso”, “preocupado”, “triste” – Exemplo 3B; “difícil” – Exemplo 4B). Observamos, de igual maneira, julgamentos¹¹ negativos do contexto social no qual estava inserido para exprimir suas dificuldades no início de suas vidas escolares (“professora não saber nada libras” – Exemplo 1B; “sofrido de bullying na sala de aula” – Exemplo 2B; “professor só falava, não tinha interação comigo” – Exemplo 3B; “a professora só falava” – Exemplo 4B).

No final de suas narrativas (Exemplos 1A, 2A, 3A, 4A), finalizando os seus percursos educacionais, hoje discentes do curso de Letras Libras, vimos também, em alguns léxicos, a exposição de suas conquistas (“quero evoluir estudar aumentar futuro pós, mestrado, doutorado” – Exemplo 1A; “continua lutar” – Exemplo 2A; “Depois que me formar posso fazer outra graduação de Educação Física, assim espero. Deus é quem sabe” – Exemplo 3A; “Não vou desistir, vou continuar” – Exemplo 4A). Com isso, as categorias da Gramática Sistemico-Funcional nos ajudaram a compreender a evolução desses sujeitos e refletir sobre os contextos educacionais pelos quais passaram.

Sintetizando, nos aspectos sócio-discursivos, quanto ao sujeito e suas identidades, temos os da esfera comprometida, considerando as identidades como fragmentadas (PEDROSA, 2013; PERLIN, 2016). Nesse contexto, verificamos os sujeitos assumindo diversas características, como, por exemplo, estando dispostos a recommençar seus projetos de vida (Exemplo 1A – sujeito inovador – “2019 prova passei UFS Letras Libras porque quero evoluir estudar aumentar futuro pós, mestrado, doutorado”), assumindo suas escolhas, sendo fiel a elas (Exemplo 4A – sujeito consequente – “Não vou desistir, vou continuar, gosto da interação com os ouvintes e com os surdos, é maravilhoso, estou satisfeita”), ou, ainda, tentando a conciliação entre ser fiel a suas escolhas e ser flexível a mudanças de planos (Exemplo 3A – sujeito pragmático – “No futuro eu posso ensinar libras. Depois que me formar posso fazer outra graduação de Educação Física, assim espero. Deus é quem sabe”).

Perante a análise dos discursos selecionados e as reflexões obtidas, apontaremos a seguir as considerações finais, sem, no entanto, ter a intenção de esgotar a discussão pela causa surda em face do posicionamento da ACD: “a conscientização e o empoderamento social” (MELO, 2018, p. 27).

¹¹ “Ele traduz a maneira pela qual as pessoas fazem avaliações sobre moralidade, legalidade, capacidade, normalidade sempre determinados pela cultura na qual vivem e pelas experiências, expectativas, pretensões e crenças individuais moldados por uma cultura particular e uma situação ideológica” (ALMEIDA, 2010, p. 106).

Reflexões (semi) finais

O aporte basilar da pesquisa, a ACD, tem como objetivo central “a denúncia de relações de poder e de dominação que oprimem e excluem para, assim, tentar viabilizar uma sociedade mais igualitária, justa e democrática” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018, p. 79). Ao trazer à luz, através das narrativas dos surdos, as opressões que os sujeitos surdos viveram em suas vidas, denunciemos (em trabalhos de pesquisa como este) as denegações que o povo (surdo) sofreu, e, com isso, esses sujeitos terão a oportunidade de se conscientizar acerca dessas amarras, indo além da visão da deficiência, e se empoderar, entendendo a surdez como diferença linguística e cultural.

Diante do objetivo da pesquisa, a saber, analisar a (re)construção identitária do sujeito surdo, delineada em suas narrativas do eu, ao contar a trajetória de sua educação formal, fizemos o percurso das hipóteses (sétima e oitava) da socioanálise (BAJOIT, 2006), recontextualizadas pela ASCD (PEDROSA, 2012, 2013), e identificamos que os sujeitos surdos (re)construíram suas identidades na esfera identitária comprometida (BAJOIT, 2006; PEDROSA, 2013). Numa tomada de posição em que não precisa gerir sua vida para atender ao que a sociedade espera deles; porém, sim, conciliando o reconhecimento social com o que ele quer da sua própria vida, num gesto de empoderamento, tão caro para a Análise Crítica do Discurso.

Referências

ALMEIDA, Fabíola Sartin Dutra Parreira. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR., Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira (Org.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 99-112.

BAJOIT, Guy. **Tudo muda**: proposta teórica e análise de mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Ijuí, RS: Unijuí, 2006.

CUNHA, João Paulo Lima. “**KD o pai dessa criança?!?**”: uma abordagem sociológica e comunicacional do discurso de atores sociais pais de crianças com síndrome de Down. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Discurso e prática social. In: BATISTA JR., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (Orgs.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 78-103.

GOUVEIA, Carlos. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga**, v. 16, n. 24, p. 13-47, 2009.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora UnB, 2017.

MELO, Iran Ferreira de. História da análise de discurso crítica. In: BATISTA JR., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (Orgs.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 20-35.

PARDO, Maria Laura. Metodologia de da Investigación em Linguística: Reflexiones y propuesta. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 2, p. 271-288, 2015.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise crítica do discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem. In: IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia, **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. IX, n. 03, 2005, p. 43-68. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>. Acesso em: 7 set. 2021.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Abordagem Sociológica e Comunicacional Do Discurso (ASCD)**: uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso. PARTE 1: Herança teórica da Sociologia (Aplicada) para a Mudança Social. Natal: UFRN, 2012. Texto fundador. Disponível em: <http://ascd.com.br/v1/>. Acesso em: 7 set. 2021.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. As identidades individuais, os sujeitos e seus discursos: um estudo a partir da abordagem sociológica e comunicacional do discurso. In: VII SIGET-Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros textuais. **Anais [...]**, Fortaleza: Ceará, setembro, 2013.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise crítica do discurso e a proposta da corrente nacional: da abordagem às primeiras pesquisas. In: KALLARRARI, Celso; BESSA, Décio; PEREIRA, Aline Santos (Orgs.). **Estudos linguísticos e formação docente**. São Paulo: Pontes, 2016. p. 69-100.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise Crítica do Discurso no PPGL: pesquisas e contribuições sociais. In: RAMALHO, Christina Bielinski; LIMA, Geralda de Oliveira Santos (Orgs.). **Estudos Linguísticos e Literários**: Edição comemorativa 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS. Aracaju: Criação, 2018. p. 153-178.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 51-73.

RESENDE, Viviane de Melo. Perspectiva latino-americana para decolonizar os estudos críticos do discurso. In: RESENDE, Viviane de Melo (Org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. São Paulo: Pontes, 2019. p. 19-46.

ROCHELLE, Ernest. Deuxième partie: Congrès pour l'Amélioration du Sort des Sourds-muets. In: **Congrès Universel pour l'amélioration du Sort des Aveugles et des Sourds-muets** (Fac-símile organizada pela Edition du Fox, domínio público). Paris, FR. 1878. Acesso em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox>. Acesso em: 14 set. 2022.

ROCHELLE, Ernest. *Le Congrès de Milan pour l'amélioration du sort des sourds-muets; rapport adresse a M. Eugène Pereire*. Paris: M. Saint-Jorre, 1880.

RODRIGUES, José Raimundo. Primeiro Congresso Nacional para o melhoramento das condições dos surdos-mudos – Lyon – 1879. *Revista História da Educação*, v. 23, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/93873>. Acesso em: 14 set. 2022.

SÁ, Nídia Regina Lima de. *Cultura, poder e educação de surdos*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Zaira Bomfante dos. A Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações. *SOLETRAS*, n. 28, p. 164-181, 2014.

SELL, Fabíola Supupira Ferreira; SCHMITT, Deonísio; BECHE, Rose Clér Estivalet (Orgs.). *Língua brasileira de sinais: caderno pedagógico*. Florianópolis: DIOESC, 2013.

STROBEL, Karin. *História da educação de surdos*. Material de estudos da disciplina História da Educação dos Surdos; Licenciatura em Letras – LIBRAS na modalidade à distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

VIAN JR., Orlando. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 19-29.

VIEIRA-MACHADO, Lucienne Matos da Costa; RODRIGUES, José Raimundo. Olhar novamente para o Congresso Internacional de Educação para Surdos em Milão (1880): um desafio historiográfico. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 22, 2022. Disponível em: [http:// https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/58840](http://https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/58840); Acesso em: 14 set. 2022.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, p. 223-243, 2004.